

OS TESOUROS DA TERRA

N
O
S
S
A

G
E
N
T
E



D
O
N
A

T
I
A
N
A

Este livreto foi produzido pelo grupo *Grãos de Luz de Lumiar*, integrante do *Ponto de Cultura Os Tesouros da Terra - Nossa Gente, Rezas, Ervas e Danças* e da Rede Fitovida.

A proposta desta coleção **Nossa Gente – Os Tesouros da Terra**, é valorizar a prática dos mestres populares, nossas referências culturais que trabalham pelo bem da saúde da comunidade e contar as histórias desses tesouros humanos que enriquecem o patrimônio cultural, partilhando precioso conhecimento com as gerações mais novas.

Ano 7 - Livreto 6 – 2017
Lumiar, Nova Friburgo/RJ

Apoio:



nossa gratidão

à Sabedoria Ancestral

Herança Divina.

À senhora Sebastiana, pelos alegres ensinamentos sobre as ervas, o caxambu e por todo um viver plenos de sensibilidade, humor e poesia.

A todos os mestres populares, rezadeiras(as), erveiros(as), curadores e aprendizes das práticas populares de saúde.

À entusiasmada e solidária parceria de tantos (tantas) que animam e suavizam a caminhada.

Sebastiana Candido Campos

Mestre Erveira

Jongueira de Caxambu.

Coleção Nossa Gente

Tiana

Hoje, Tiana já não enxerga bem,
mas não importa.
Ela sempre viu além dos olhos!
Ela sente, toca, adivinha, intui.
Vê mais do que podemos ver.
Enxerga a nossa alma,
consola e distrai nossas tristezas.
Alimenta nossas alegrias.
Enxerga e espalha amor por onde passa.
Com este amor ela sente as plantas,
seus cheiros, formas e texturas.
Ela diz: "O quintal é onde tudo começa.
Tudo vem do quintal, minha filha".
Tiana consegue ver a energia de todos os seres.
Miúda e magrinha, ela é a RAINHA poderosa.
Nos ensina a difícil arte de olhar
para dentro dos seres vivos,
enxergar profundo e além.
Obrigada grande mestra!

Suzana Nogueira - Nova Friburgo - 2017

Sebastiana Cândido Campos nasceu no dia 14 de maio de 1930 em Barra dos Passos, 4º distrito do município de Trajano de Moraes, estado do Rio de Janeiro. Bem no mês de maio, quando no dia 13, se homenageia a sabedoria dos Pretos Velhos de Aruanda, a Nossa Senhora de Fátima, e se debate sobre a assinatura da Lei Aurea.

Tiana, como é conhecida, casou-se aos 22 anos com Eurico Campos. Desse matrimônio nasceram os filhos Jorge, Nelson Luiz, Paulo Roberto, José Maurício, Maria Tereza, Valdecir e Fernando. Todos nascidos de parto natural pelas mãos das parteiras do lugar.

Tiana trabalhou como “panhadeira de café” durante 64 anos. Trabalho iniciado aos 7 anos em São Caetano e mais tarde continuado na fazenda São Lourenço, onde foi morar, localizada em Monte Café, também em Trajano de Moraes. Tiana era a colona que mais colhia café. Enchia uns 12 balaios e meio de café por dia. Dava uns 60 quilos. Detalhe importante, ela só começava a colheita depois de cuidar dos filhos e dos afazeres de casa. O administrador da fazenda na época gostava de brincar com ela, fazendo-se de desconfiado. Como uma mulher era capaz de fazer tamanha colheita!

Sebastiana Cândido Campos nasceu no dia 14 de maio de 1930 em Barra dos Passos, 4º distrito do município de Trajano de Moraes, estado do Rio de Janeiro. Bem no mês de maio, quando no dia 13, se homenageia a sabedoria dos Pretos Velhos de Aruanda, a Nossa Senhora de Fátima, e se debate sobre a assinatura da Lei Aurea.

Tiana, como é conhecida, casou-se aos 22 anos com Eurico Campos. Desse matrimônio nasceram os filhos Jorge, Nelson Luiz, Paulo Roberto, José Maurício, Maria Tereza, Valdecir e Fernando. Todos nascidos de parto natural pelas mãos das parteiras do lugar.

Tiana trabalhou como “panhadeira de café” durante 64 anos. Trabalho iniciado aos 7 anos em São Caetano e mais tarde continuado na fazenda São Lourenço, onde foi morar, localizada em Monte Café, também em Trajano de Moraes. Tiana era a colona que mais colhia café. Enchia uns 12 balaios e meio de café por dia. Dava uns 60 quilos. Detalhe importante, ela só começava a colheita depois de cuidar dos filhos e dos afazeres de casa. O administrador da fazenda na época gostava de brincar com ela, fazendo-se de desconfiado. Como uma mulher era capaz de fazer tamanha colheita!

Só tinha um homem alí que colhia mais café que ela. Era seu Batista Corrêa. Ele só levava vantagem porque começava a colher bem mais cedo que ela.

“Café, eu cato café desde criança. A gente criou já cuidando de café. Os mais velhos iam derrubando os frutos e as crianças juntavam eles nuns morrinhos. Por todos os cantos era cafezal! Lá em São Caetano, era uma fazenda em cima e outra em baixo. Quando armava a chuva de noite a gente escutava aquela gritaiada dos homens tudo. Tinham que descer prá fazenda de baixo, guardar o café no terreiro de pedra, juntar, catar, tudo muito rápido pra não molhar ele. Tinha usina e tudo! Era muita, muita quantidade de café. No sítio de meu pai também tinha café. Aqui, em São Lourenço só parou a pouco porque arrancou o café.

A colheita era de maio em diante. Para colher o café era assim. Começava do pé do eito, até o acero onde terminava. Primeiro ruava em volta do pé de café e derrubava os grãos. Aí se pegava eles e colocava na peneira, depois rodava a peneira jogando o café pro alto. Os ciscos se soltavam do café e caíam no chão. Depois de tirado os ciscos e as folhas, o café era colocado nos balaios e ia secar no terreirão de pedra. O rodo ajudava na secagem movendo o café na melhor posição de secar. Só depois então ele ia pro lavador ser lavado”.

“Tempo para se divertir... Era uma vez por ano... Ir à igreja da sede da fazenda batizar os filhos que nasciam. Hoje leva - se a vida com maior conforto. Antes, não se tinha mordomia não. Tudo saía da casa da gente, com nosso trabalho, o feijão, o milho, o fubá, a mandioca, o arroz, a batata doce, a gordura do porco engordado na ceva.”

Tiana era quem cuidava da saúde dos filhos.

“Eu mesma sempre dava jeito, com simpatias e ervas que conhecia. Levei as crianças pra rezar, poucas vezes. Cada lugar que se morava tinha seus curadores, seu João Geraldo, seu Eugênio Canela, este rezou sapinho de meu filho.

O Fernando meu, hoje ele mora no Rio, pegou uma desidratação, nem queria mamar mais. Já estava evacuando verde. Passei na casa de um curador, seu Percílio Pereira. Ele mandou que eu desse um banho de trapueraba branca, mais vassourinha branca junto com marcelinha branca. Quando eu botasse ele no banho, dar o chá de marcela nele primeiro e depois ir despejando o banho de ervas na cabeça dele. Nem bem acabei o banho tive que deixar ele na bacia para atender uma vizinha Dona Alzira que chamava e o cachorro era brabo. Quando acabei de por a vizinha pra dentro, vi que Fernando estava atrás de mim nuzinho, com carinha de curado.”

Nós ia muito em curador levados pela nossa mãe. Ela era católica mas tudo que fazia era com o curador. Na primeira vez que minha mãe ia conhecer a rezadeira Dona Maria Cândida, fomos prá casa de um senhor que ia levar nós. Bem na hora de sair, chegou uma visita na casa dele. Aí ele puxou uma cantoria. Ele cantou assim batendo pandeiro:

Hoje faz boa lua.

Amanhã faz também.

Olha cumpadre cachorro

No meu rastro farejando.

Hoje quase ninguém decifra nada da cantoria mas naquele tempo o pessoal era bem vidente. Minha mãe assuntou e disse: Hoje faz boa lua e amanhã faz também. Ah! Ele tá dizendo se não for hoje a gente vai amanhã. Aí fomos embora prá casa e voltamos no dia seguinte.

Dona Maria morava na serra da Cruz. Mamãe levou prá ela uma cachacinha e uma vela. Naquele dia ela rezou e curou minha irmã. Ela botou fogo na cachaça e disse prá minha irmã soprar no papel. Uma bola de cabelo foi cusvida de sua boca, caindo na folha de papel. Coisa trabalhada, por moça com ciúmes do namorado de minha irmã.

*Eu tive uma ferida na perna por mais de 2 anos. Quem me curou foi o filho dela, seu Gervásio. Saiu uma lagarta preta que dava no capim gordura. No final ele falou prá nós: **"Fazenda oferecida não tem preço."** Reza oferecida não tem valor nenhum, cabe a pessoa ir atrás dela".*

"Todo remédio que vem da farmácia é feito das ervas! De primeiro a gente encontrava caminhão cheio de ervas saindo de Bom Jardim, Barra Alegre, que era levado para o laboratório. Minha família toda foi criada com ervas e chá do mato. A gente sentia alguma coisa e corria logo pra horta. Eu gosto muito de uma horta de ervas. Eu não ia no médico não. Passei a ir ao médico depois de velha."

Quando Tiana traz para a conversa as lembranças das rodas de Caxambu que aconteciam nas fazendas, um olhar maroto se apodera de seus olhos, um sorriso brejeiro salta de seus lábios. Os movimentos ficam mais soltos, a cabeça vai ágil de um lado para o outro. Mesmo sentada, percebe-se que a ginga da dança vibra em seu corpo. Doces memórias, alegria contagiante, jovialidade, ali se juntam na prosa que segue.

“Era muito bom esse negócio de Caxambu. Era uma beleza! Caxambu é a brincadeira, a cantoria. Jongueiros são as pessoas. Tudo se falava na cantoria. Tem que se entender para o outro responder. A gente é que tinha de prestar muita atenção prá onde ela tava indo. Às vezes a pessoa cantava e as pessoas não pegavam a troça, o recado, a história contada. As crianças não podiam entrar na roda não.”

Durante a conversa Tiana confirma a característica primeira do Caxambu. Era na cantoria, através dos versos tirados de improvisação, que se contava os fatos ocorridos na comunidade.

Era como um jornal cantado, mas numa linguagem que precisava ser decifrada, como uma brincadeira de adivinha. Comentava-se sobre vida dos moradores, dos namoros, dos visitantes, dos acontecidos extraordinários. Verdadeiro jogo de atenção, de charada, de decifração. Esta era a graça do Caxambu!

“Na fazenda Rio Grande tinha uma mulher idosa, ela já tinha criado os filhos todinhos. De repente ela ficou grávida e ganhou uma menina. Aí na cantoria do caxambu saiu assim.”

—Olha a vaca torina ,tá de bezerro, é novilha.

Quando vinha gente de outras fazendas para brincar no Caxambu, na roda, sempre puxavam este verso:

—Tico-tico veio de longe, veio mexer com braúna.

Se a cachacinha, que deixavam do lado para animar a brincadeira desaparecia, diziam:

Cadê pica pau?

Pica-pau fugiu.

Tinha uma moça que apareceu lá na roda do seu Manéu. O Caxambu tava lá, bonito! Uns batendo outros pulando, tocando castanhola nos dedos. Na hora de parar o caxambu a pessoa leva a mão. Nesse dia essa moça levou o pé e parou o caxambu. Ela desobedeceu, ela abusou. Tinha que levar a mão! Aí o velho Manéu levantou da roda calmamente, panhou a palha de milho, fez seu cigarrinho, botou fumo, fumou, tomou sua cachacinha, espiou pra moça e disse:

—Senta aqui minha filha , que vovô num vai sentar agora não. Vovô vai fumar um pouco e volta.

A moça sentou no tamborete do vovô e ficou. Quando seu Manéu acabou de pitar ele disse:

—Agora minha filha, dá o tamborete de vovô, vovô precisa sentar.

A moça tentava levantar mas o tamborete vinha agarrado nela. Umas três vezes ela tentou e nada do tamborete soltar. Aí vovô passou a mão na cabeça da moça e tirou um ponto pra ela. Ele cantou, cantou e quando parou de cantar disse:

—Agora filha, você pode se levantar.

Dessa vez o tamborete desgarrou dela. Foi coisa muito interessante!”

Seu Nozino, Flauzino Nascimento, nascido na fazenda São Lourenço em 1940, reizeiro com 46 anos de experiência de Folia de Reis traz grande contribuição, com mais histórias, sobre o Caxambu.

“A Dança do Caxambu era mesmo para os mais antigos. Os velhos olhavam com cara feia quando os jovens queriam entrar na roda. Ali se contava muitos segredos que não se podia contar. Namoros escondidos, namoros proibidos. Já se cantava o ponto de acordo com a situação. O Caxambu é um segredo, um mistério. Não era uma coisa simples não. É uma mistura dos vivos e dos mortos. Eles acreditavam em muitas coisas, viam que os espíritos estavam ali. Eles eram espíritas e tava riscado até cantar um ponto. Era muito interessante, uns sabiam porque estavam jogando aquele ponto. Tinha uns que entravam na roda assim na moda vamos s’imbora. Seu Germano era dos mais antigos na roda de Caxambu. Ele era uma das pessoas espíritas. Se alguém incorporasse ele tinha como despachar e levantar as pessoas. Precisava ter muita responsabilidade, igual a responsabilidade de uma Folia de Reis. O povo naquele tempo tinha mais Fé do que tem hoje, não todos, não agravando ninguém!”

O Caxambu tinha 3 tambores, um grande, um médio e um pequeno. O maior de todos era o goma pita e o menor o rezingueiro. Cada um batia de um jeito. Tinha a fogueira para esquentar os caxambus, os tambores. Quando tava para terminar virava-se os tambores e se jogava cachaça. Tinha uns pontos para começar a roda e outros para terminar.”

“Minha mãe contava muitas histórias pra nós, ao menos umas eu me lembro.”

O DEBOCHE DO URUBU COM O CACHORRO

Um cachorro vinha passando pela estrada quando olhou pro lado e viu uns urubus comendo um bezerro. O cachorro olhou, olhou e assuntou: — Bom dia meu pássaro preto, como vai sua bela pessoa, comendo carniça e gozando sua vida boa. O urubu olhando para o cachorro assuntou e falou assim: “— Como e como meu cachorro, aproveito a ocasião. Cará, cará me disse, cachorro não tem ação.” O cachorro foi e assuntou de novo dizendo: — Cachorro não tem ação mas tem mais do que tu. Quero que você me diga que ação tem urubu? — Urubu é pássaro preto, parente da geração, aonde tem carniça, tomo fardo para almoçar. Não te dou boa conversa estou com pressa e não posso assuntar. Quem tem bico come a carne, quem tem dente rói os ossos. O urubu deu a dele e foi-se embora.

RECEITUÁRIO DE TIANA

Para cortar febre

Pegar picão da praia, conhecido com fel da terra. Tirar ele com raiz. Dá-se então um banho na pessoa da cabeça aos pés. Depois do banho, beber um chazinho de marcelinha.

Para aliviar o fígado

Fazer o chá das folhas de lima da pérsia ou chá das folhas dos galhinhos de macaé, ou chá de carqueja . Com o boldo, eu fazia assim. Pegava 3 folhinhas e tirava 3 pedacinhos de cada uma delas. Aí eu fazia um chá com 9 pedacinhos. Tomar 3 vezes ao dia.

Para baixar pressão

Fazer um chá com as folhas da melissa.

Para tratar o sarampo

Usa-se o chá feito das folhas e das flores do sabugueiro.

Para tombo ou destroncado

Pegar umas folhas de saião, socar para tirar o sumo fazendo uma pasta, juntando nela o sal. Colocar no lugar afetado com um paninho ou uma gase.

Para ameaço de dor de cabeça

Colocar 3 colheres de café no coador, passar o café 3 vezes. Botar 3 colheres de azeite e tomar.

Para ameaço de derrame

Pegar os galhinhos da erva macaé e acrescentar 1 pitada sal para curar a dor de barriga e fazer parar o derrame. "Eu boto sal uns dizem que não pode".

Para eliminar verme

Pegar as sementes de uma abóbora, torrar e dar para a criança comer.

Para dor de garganta

Fazer gargarejo com o cordão de frade.

Para tombo ou destroncado

Pegar umas folhas de saião, socar para tirar o sumo fazendo uma pasta, juntando nela o sal. Colocar no lugar afetado com um paninho ou uma gase.

Para ameaço de dor de cabeça

Colocar 3 colheres de café no coador, passar o café 3 vezes. Botar 3 colheres de azeite e tomar.

Para ameaço de derrame

Pegar os galhinhos da erva macaé e acrescentar 1 pitada sal para curar a dor de barriga e fazer parar o derrame. "Eu boto sal uns dizem que não pode".

Para eliminar verme

Pegar as sementes de uma abóbora, torrar e dar para a criança comer.

Para dor de garganta

Fazer gargarejo com o cordão de frade.

Para dor de ouvido

Pegar uma folha de orelha de moleque, uma flor de abóbora. Tirar o sumo de cada planta, amornar e pingar no ouvido. Muito cuidado com a temperatura que deve ser experimentada antes de ser colocada no ouvido. A temperatura deve ser de morna para fria. Colocar até a dor passar.

Para rins

Fazer o chá com a erva arrebenta-pedra.

Para cólica de dor de barriga forte

Dentro de um prato colocar 3 folhas de palma, 3 colheres de açúcar, 1 colher de cachaça. Botar fogo. Cozinhar, abafar e tomar.

Para congestão cerebral

Uma caneca de água com 3 colheres de café. Passar 3 vezes no coador. Juntar ao café, depois de coado, 3 colheres de azeite de mamona e tomar.

Para banho de limpeza, descarrego

Arruda, cipó calunga, mal com tudo, alecrim, abre caminho, aperta ruão, João Barandi, nega mina.

Enquanto Tiana colhia o café, ela sempre trabalhou cantando. Ainda hoje tem o maior prazer de cantar.

Acorda Maria Bonita

Levanta vem fazer o café

Que o dia já vem raiando

E a polícia já está de pé.

Se eu soubesse que chorando

Empato a tua viagem

Meus olhos eram dois rios

Que não te davam passagem.

Concepção Editorial: Maria Luiza Borba

Pesquisa: Alessandro Rifan, Maria Luiza da Silva Campos
e Maria Luiza Borba

Capa: Maria Cristina C. de Moraes

Texto: Maria Luiza Borba

Diagramação: Leandro Schuindt.- Fazendo Arte

Impressão: Fazendo Arte Comunicação & Marketing

Coleção Nossa Gente – Os Tesouros da Terra

Ano 7 2017 Livreto 6

